

ACOMPANHAR UM FILHO HOSPITALIZADO: COMPREENDENDO A VIVÊNCIA DA MÃE

WATCHING A HOSPITALIZED CHILD: UNDERSTANDING OF A MOTHER'S EXPERIENCE.

Lúcia de Fátima Rocha Bezerra¹

Maria de Nazaré de Oliveira Fraga²

RESUMO: Seguindo alguns passos da abordagem fenomenológica, estudamos os sentimentos, medos e ansiedades vivenciados pela mãe por ocasião da hospitalização de um filho. A hospitalização do filho é vivida pela mãe como um momento de intensa preocupação e sofrimento, agravados ou amenizados pelas condições de vida da família. As inúmeras tarefas atribuídas pela sociedade e introjetadas pela mãe fazem-na também vivenciar a situação com sentimentos de divisão e ambigüidade. A extrema dedicação e assistência para com o filho doente deixam-na temporariamente descuidada de si mesma. Na impossibilidade de negar suas próprias necessidades por um longo período, a mãe passa a conviver com evidentes sinais de sofrimento psíquico concretizados em insônia, anorexia, desconforto mental e depressão. A hospitalização da criança é verbalizada pela mãe como algo que estende seus efeitos sobre toda a família, gerando alterações em sua dinâmica.

UNITERMOS: Criança hospitalizada - Mãe acompanhante

INTRODUÇÃO

Temos especial interesse em desvelar a dinâmica relacional na díade mãe-filho, que se faz presente no processo de internação da criança. Nosso foco de atenção reside em compreender o papel da mãe neste momento singular em que seu filho, antes parte dela mesma, agora encontra-se doente. Pretendemos compreender como a mãe vivencia o fenômeno da hospitalização da criança em sua essência, como pessoa humana.

No cotidiano profissional, percebemos que as crianças, apesar de estarem no ambiente hospitalar que lhes imprime restrições, limitando seu espaço físico, seu anseio de tornar este momento menos hostil, evidenciam comportamento extrovertido, a busca de um amigo que se disponha a brincar e proporcionar

¹ Especialista em Saúde Mental Coletiva, Assistente Social do Hospital Universitário Walter Cantídio/UFC.

² Enfermeira, Dra. em Enfermagem, docente do Departamento de Enfermagem/UFC.

carinho e atenção. Por isso, em nossa intervenção, colocamo-nos próximas à criança, participando de suas brincadeiras e fantasias.

Ao entrevistar as mães, observamos que o período de hospitalização da criança constitui um momento ímpar em suas histórias de vida, pelo espectro de sentimentos e emoções que permeiam seu ser. Percebemos que a doença de seu filho traz mudanças no âmbito das relações familiares, pelos diversos papéis desempenhados pela mulher, tais como: esposa, mãe e trabalhadora.

Em contato com as mães junto à Clínica Pediátrica do Hospital Universitário Walter Cantídio, percebemos que elas constituem a figura central, ao redor da qual gira toda a dinâmica familiar. Ao redor dessa mulher encontra-se um grupo social específico, constituído pelo esposo e filhos, que espera que ela desempenhe vários papéis imprescindíveis para o equilíbrio da família. Nos discursos, as mães relataram que exerciam muitas atividades no âmbito familiar, tais como socialização e educação dos filhos, cuidado com a sua saúde, além de atender as necessidades específicas do esposo, tais como o cuidado com sua alimentação, vestimenta, etc.

Além destes questionamentos que permeiam o pensamento da mãe, percebemos também sua angústia por não estar contribuindo produtivamente para a renda familiar. No entanto, as nossas indagações precisam ser aprofundadas. Procuramos neste estudo indagar quais os sentimentos, medos e ansiedades vivenciados pela mãe, partindo de sua própria concepção e de sua vivência. Portanto, tentamos compreender como a mãe está vivenciando a hospitalização de seu filho.

Procuramos compreender a dinâmica relacional entre mãe-filho, numa dimensão qualitativa, considerando o sujeito do estudo, mãe de criança doente, baseando-nos na percepção holística deste sujeito, enquanto pessoa que pertence a determinado grupo social com suas crenças, valores e significados. Nesta perspectiva, a modalidade de investigação fenomenológica emergiu como método de estudo que nos possibilitou a compreensão do fenômeno hospitalização da criança no cotidiano vivido pela mãe que sente as nuances psicológicas de ansiedade e sofrimento, devido à doença de seu filho, a qual redundou em sua hospitalização. Elaboramos uma forma de acesso ao conteúdo manifesto da fala, visando desvelar o que se mostrava oculto para nós.

Tomamos como base uma questão norteadora, mediante a qual os atores sociais, mães de crianças hospitalizadas, pudessem direcionar suas falas de maneira espontânea em que refletissem sua percepção e sua experiência individual. A questão orientadora elaborada foi: como é ser mãe de uma criança que está doente?

TRAJETÓRIA DO ESTUDO

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

No presente trabalho, buscamos uma abordagem que nos conduzisse a compreender o que vivencia a mãe de uma criança hospitalizada. Após obter certo embasamento teórico, pudemos verificar que a abordagem fenomenológica nos ajudaria a chegar à essência deste fenômeno. Assim, de um modo aproximado, tentamos seguir alguns passos desta abordagem na realização deste estudo.

Iniciamos nosso estudo com a aplicação de um teste-piloto com cinco mães que estavam com o filho hospitalizado, tendo como objetivo precípuo, assegurar a compreensão da questão orientadora.

Após a conclusão do teste-piloto, prosseguimos com as demais entrevistas, perfazendo um total de dezoito mães. A interrupção da coleta dos discursos deu-se no momento em que começaram a ocorrer convergências nas falas das mães.

Ao finalizar a coleta dos discursos, passamos a analisá-los, segundo as fases apontadas por *Martins & Bicudo*⁸.

- Leitura atenta da descrição, sem emitir interpretações do conteúdo. Não se processa a identificação dos atributos ou elementos contidos no texto;
- O pesquisador relê o texto, visando discriminar unidades de significado, numa perspectiva psicológica, elucidando o fenômeno estudado;
- O pesquisador transforma as expressões cotidianas do sujeito numa linguagem do pesquisador;
- O pesquisador transforma os conteúdos latentes nas descrições que demonstrem o seu “insight” contido nelas. O “insight” refere-se àquilo que se doa à consciência. Trata-se de um ver dentro da situação;
- O pesquisador elabora uma síntese de todas as unidades de significado, transformando-a numa proposição consistente relacionada às experiências do sujeito, visando elaborar a estrutura do fenômeno.

O LOCAL, OS SUJEITOS DA PESQUISA E A COLETA DOS DISCURSOS

A pesquisa foi realizada junto à Clínica Pediátrica do Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará, no período de 18 de maio a 19 de junho de 1995.

O ambiente da Clínica é permeado pela valorização da presença da mãe junto à criança e sua participação em todo o processo terapêutico de cura.

Os sujeitos foram dezoito mães, cujos filhos encontravam-se internados na referida Clínica. A escolha deste local aconteceu por dois motivos: primeiro pela nossa necessidade de compreender como as mães experimentam o fenômeno da hospitalização de seu filho; o segundo reside na facilidade de acesso a esta

instituição, tendo em vista que desenvolvemos atividades profissionais junto à Clínica Pediátrica.

Realizamos encontros com as mães com a finalidade de compreender o conteúdo expresso em suas falas. Segundo *Carvalho*⁵, a entrevista numa abordagem fenomenológica busca captar a fala original que possibilite a mediação com o outro e a comunicação com o mundo.

A entrevista foi marcada antecipadamente e se processou em uma sala da Clínica, no período diurno. Tornamos evidente para os sujeitos da pesquisa, que lhes seria assegurado o direito à não identificação. As falas foram registradas em gravador, mediante autorização das mães.

Explicamos também como ocorreria a entrevista, buscando um espaço para que as interrupções fossem inexistentes ou mínimas. Ressaltamos que a privacidade de cada uma seria respeitada, bem como o anonimato. O local escolhido favoreceu o cumprimento desses pré-requisitos.

Após a obtenção das descrições, procedemos à análise dos seus conteúdos, buscando as convergências e as invariâncias que apontassem para a essência do fenômeno pesquisado.

DISCURSO DA LITERATURA

Durante a revisão de literatura, constatamos a escassez de trabalhos que focalizassem a hospitalização da criança na perspectiva vivencial da mãe. O que encontramos mais próximo está relacionado aos aspectos emocionais de mães acompanhantes, ao impacto psicológico da hospitalização na criança e em sua família, aos discursos da família da criança com neoplasia e ao atendimento psicológico às crianças e seus familiares.

Vale salientar que encontramos vários trabalhos realizados principalmente por profissionais de enfermagem, os quais desenvolviam um programa canalizado para assistir emocionalmente a criança internada, estendendo sua atuação aos acompanhantes e familiares. Segundo *Braga* "et al"², este programa constitui uma opção à saúde mental da criança e do grupo familiar envolvido.

*Chiattonne*⁶ afirma que a doença constitui fator de desajustamento, podendo provocar, precipitar ou agravar desequilíbrios na criança e em sua família. Portanto, é de suma relevância a presença da mãe para apoiar emocional e afetivamente a criança durante o período de hospitalização.

São escassos os trabalhos em que se verifica a preocupação em analisar a vivência da mãe em acompanhar um filho doente e hospitalizado. Nas pesquisas realizadas por *Bowlby*⁴, pudemos verificar que a presença da mãe junto ao filho foi considerada benéfica, tanto para a criança como para a mãe.

Alguns autores enumeram as muitas vantagens que a permanência da mãe junto ao filho doente no hospital encerra para a equipe de saúde. Constatamos

que, nestes trabalhos o foco central é o atendimento das necessidades da criança.

Nos estudos realizados por *Neira Huerta*⁹, pudemos verificar que as mães sentem mais mal-estar do que bem-estar no hospital e expressam seu sentir no hospital de diferentes maneiras, constatando-se diferenças entre dois grupos de mães quanto à forma de expressão. As mães agrupadas pela autora no grupo II verbalizaram seu mal-estar no hospital mediante sentimentos de sofrimento, preocupação, tristeza e nervosismo. As mães do grupo I, além de apresentarem sentimentos como sofrimento, verbalizaram maior número de sensações corporais desagradáveis, (cansaço, sono) para manifestarem seu mal-estar no hospital.

*Valle*¹¹ afirma que o câncer infantil acarreta transformações na vida familiar. Como o tratamento da doença prevê períodos de hospitalização e idas frequentes ao hospital, a família, já transtornada pelo impacto da doença, às vezes tem que deliberar sobre práticas e procedimentos que precisam ser adotados a curto prazo, sem ter condições para efetua-los. Segundo a mesma autora, um aspecto a considerar é a situação de desagregação dos membros que geralmente ocorre nas famílias durante o período de hospitalização da criança. Um dos genitores, normalmente a mãe, permanece com seu filho no hospital, enquanto que ao pai cabe a tarefa de provedor dos recursos para a subsistência da família, sendo comum os outros filhos serem deixados com parentes, amigos, vizinhos ou mesmo sozinhos.

A hospitalização representa um fator que rompe as atividades cotidianas da criança e ao mesmo tempo desintegra a estrutura familiar, cujo ambiente é fundamental para o desenvolvimento físico, mental e social da criança. Assim, o desequilíbrio da relação familiar provocada pela hospitalização pode trazer como conseqüências distúrbios psicológicos, que podem ser verificados, principalmente, ao nível afetivo e emocional da criança. *Mouth "et al"*⁷ desenvolveram pesquisa com crianças hospitalizadas, objetivando verificar a influência que a hospitalização exerce sobre a criança e seus pais.

*Bowlby*³ afirma que a presença dos pais junto ao filho hospitalizado representa benefícios tanto para a criança como para os pais. Sua presença constitui a forma mais eficaz para minimizar os traumas psicológicos e emocionais da hospitalização na criança. Ao permanecer próximo ao filho no hospital, os pais apresentam sentimentos de competência e realização por sentirem que estão ajudando de maneira construtiva na recuperação do filho.

Segundo *Barbosa*¹, a própria situação de hospitalização da criança é altamente estressante para os pais, os quais reagem com diferentes graus de ansiedade. O autor comenta que, quando não é dispensado apoio psicológico aos pais, eles podem desenvolver um estado de desespero, ficando impossibilitados de ajudar efetivamente a criança. Para *Neira Huerta*⁹, é fundamental que um profissional da equipe de saúde interaja com os pais, no sentido de lhes proporcionar um relacionamento significativo, permeado de apoio psicológico.

Os trabalhos pesquisados em relação à hospitalização da criança, quando citam a presença da mãe, consideram-na como um recurso de apoio para o atendimento das necessidades emocionais da criança e não como uma pessoa que pensa e age de maneira singular. Percebemos que os autores mostram sua própria percepção do que a experiência de acompanhar um filho hospitalizado significa para os pais. Portanto, não encontramos estudos que abordassem a própria vivência do significado da hospitalização para a mãe.

Objetivando adentrar na compreensão da mãe que vivencia uma situação de hospitalização de seu filho, torna-se imperativo que se resgate a participação da mulher no contexto familiar. Neste prisma, abordaremos o papel ampliado que esta mulher exerce na família, tais como tarefas de socialização e educação dos filhos, administradora das atividades domésticas, cuidados com a saúde, competindo a ela também a tarefa de conduzir o filho à consulta médica, além de desempenhar várias atividades como esposa e mãe, tais como o cuidado com a alimentação e organização das vestimentas dos que com ela convivem.

O papel da mulher expressa um sentido coletivo junto ao seu grupo social específico que é a família. Nesta ótica, a ausência da mulher do domicílio pode alterar a dinâmica do grupo familiar.

A história da humanidade e os estudos antropológicos evidenciam a evolução da família. Prado¹⁰ afirma que não há registro histórico de nenhuma sociedade que tenha sobrevivido independente de alguma noção de família. Apesar de todas as suas vicissitudes e crises, a família exprime grande capacidade de superação e adaptação, uma vez que subsiste sob múltiplas formas.

A mulher exerce uma função imprescindível na sociedade de classes, pois ao constituir sua família, torna-se a garantia da existência de uma determinada infra-estrutura, que permitirá não só a reprodução da força de trabalho masculina, em sua função de esposa, mas também a reprodução de futura mão-de-obra, em sua função de mãe. Prado¹⁰ considera fundamental o papel exercido pela mulher para manter a estrutura vigente, numa sociedade onde o sistema social não assume os indivíduos com suas necessidades coletivas.

Em relação à assistência à saúde dos filhos, merece destaque a participação da mãe, pois a ela compete todo o encargo de conduzir o filho doente ao médico e acompanhá-lo durante a hospitalização. O acompanhamento, no ambiente familiar, em relação à administração de medicamentos, é realizado geralmente pela mãe.

Percebemos que, no âmbito hospitalar, a mulher introjeta a idéia de que o cuidado com o filho doente compete somente a ela e, por isso, empenha-se em suprir todas as necessidades da criança, assumindo ela mesma a condição de provedora destes cuidados. Geralmente, não há a participação do esposo nestes encargos, considerados socialmente atribuições da mulher.

Considerando o papel desempenhado pela mulher na esfera familiar, em que é destinada a ela a socialização e assistência à saúde do filho, a mãe passa por um processo de conflito frente à realidade da hospitalização, exigindo de si mesma todo o cuidado com o filho doente, ao mesmo tempo em que os outros filhos constituem alvo de sua preocupação constante.

Percebemos em nossa pesquisa que as mães se sentem divididas, assumindo uma postura de extrema exigência consigo mesmas, ao mesmo tempo em que sua percepção do papel desempenhado na dinâmica familiar se reveste de um caráter insubstituível. Por estarem empenhadas no cuidado com o filho doente, as mulheres canalizam suas energias para aquele filho, às custas de outros papéis que poderiam ser desempenhados concomitantemente, tais como, seu papel de companheira, trabalhadora, bem como o cuidado com sua própria pessoa enquanto ser que tem necessidades afetivas e sociais.

Os discursos expressam que o fenômeno da hospitalização da criança acarreta mudanças na dinâmica familiar, pois, enquanto a criança está no hospital, a mãe exige de si mesma que deve permanecer ao seu lado, dando-lhe assistência. Sua permanência no hospital pode provocar mudanças na dinâmica intrafamiliar, ocorrendo uma re-estruturação das atividades antes desempenhadas pela mulher. Nesta mudança, os papéis são alterados, havendo a participação dos parentes e dos próprios filhos, visando dar continuidade às atividades do cotidiano dos membros da família.

Considerando a literatura consultada e os discursos, podemos afirmar que a hospitalização da criança atinge a família, precipitando mudanças circunstanciais no relacionamento dos seus membros. Portanto, a saúde mental da família está afetada, sendo necessário que a equipe de saúde desenvolva um trabalho de promoção à saúde de forma ampla para toda a família.

ANÁLISE COMPREENSIVA DOS DISCURSOS

A leitura atenta dos discursos focalizando a vivência da mãe com a hospitalização da criança possibilitou-nos perceber a convergência de suas falas e agrupá-las em unidades de significação de conteúdos semelhantes. Tal agrupamento em categorias ou temas comuns revela a essência da experiência da mãe com a hospitalização do filho. Nesta perspectiva, unidades de significado foram construídas e analisadas, como segue.

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA É VIVENCIADA PELA MÃE COMO UM MOMENTO DE INTENSA PREOCUPAÇÃO

“É a mãe ter preocupação com aquela criança (...). A gente fica preocupada”.(D1)

“Existe outro tipo de doença, que a gente não se preocupa tanto, existe coisa mais simples, que a gente cura em casa ”.... (D7)

“A gente se preocupa só mesmo com a criança, não se preocupa com mais nada”.(D8)

“Eu imagino muito... o bichinho na operação... não dá certo. Ele tá com começo de inímia também”.(D9)

“Ela não tava querendo se alimentar, aí eu tava ficando tão preocupada, que eu mesmo não queria me alimentar também”.(D10)

“A mãe vai cuidar daquela criança, se pertuba, né, aí fica imaginando assim... se aquela criança exista ou se morra”.(D15)

A hospitalização da criança é vivenciada pela mãe como um momento de intensa preocupação. Este sentimento faz parte da experiência humana, principalmente diante de alguma mudança na vida familiar que afete as emoções. Neste sentido, a hospitalização constitui fator desencadeador de preocupação, pois tanto a doença como o ambiente hospitalar são considerados precipitadores de desequilíbrios na criança e em sua família. Como a mãe é a pessoa mais significativa e próxima da criança, ela absorve todas as preocupações com a doença do filho.

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA É UMA EXPERIÊNCIA QUE SE REVESTE DE INTENSO SOFRIMENTO PARA A MÃE

“A gente fica dividida, pensando que vai perder a criança”. (D2)

“É muito duro a gente ter um filho e eu saber que diabete não tem cura. (...) Tô achando muito difícil”.(D3)

“Você tem medo de perdê-la a qualquer momento. É uma coisa tão ruim de se falar, porque ele nunca ficou doente antes”.(D4)

“(...) porque ele sofre muito e eu sofro igual a ele também. Acho triste, eu vê o bichinho... não tem defesa nenhuma”. (D5)

Nesse ponto, nesse tipo de doença, eu tô achando muito difícil pra mim (...).”.(D7)

“É muito duro pra mãe, porque a criancinha... a gente quer que teja com saúde”.(D8).

“Em primeiro lugar é triste. A gente fica naquela ânsia. Tudo que acontece com ela é como se a gente sentisse também”. (D10)

“É difícil...ter uma criança doente, ver os outros normal e ela doente.(...)Eu sofro muito”.(D12)

“É muito triste.(...) Sei que alegria eu não tenho, só tenho tristeza”(D13)

Os depoimentos mostram que a hospitalização da criança é vivenciada pela mãe como uma experiência difícil, triste, que provoca desespero e dor psíquica. A dor relaciona-se ao fato de ter um filho doente e hospitalizado, impossibilitado de desenvolver as atividades inerentes à criança. A doença da criança e as mudanças que acarreta provocam grande sofrimento para a mãe, que se vê-impotente para mudar este contexto.

A doença da criança também suscita sentimentos de incerteza e dúvidas quanto à recuperação total de sua saúde. As mães manifestam em seus depoimentos que sentem medo do processo de cronicidade da patologia que atinge seu filho, temendo que seu estado de saúde seja agravado, perdurando seu sofrimento e a assistência permanente àquela criança doente. Também para a mãe, pensar na aproximação da morte de seu filho constitui fator de muito sofrimento. A possibilidade de que ocorra a morte do filho é vivenciada pelas mães como uma perda antecipada.

Nesta perspectiva, os discursos revelaram, também, que o sofrimento da mãe comporta uma outra faceta dependente das condições de vida da família.

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA É VIVENCIADA PELA MÃE COM SENTIMENTOS DE AMBIGÜIDADE E DIVISÃO

“Tem preocupação com si mesmo... que a gente se preocupa com a criança e se preocupa com a gente, da gente sair e deixar os outros em casa”(D1)

“A gente fica assim... tão dividida, principalmente quando a gente tem outro em casa. Porque eu tô com um doente em casa e um doente aqui”.(D2)

“(...) não sei como tá minha situação... das outra”.. (D3)

“Fica tão difícil, principalmente eu que tô dividida em dois. É uma correria pra lá e pra cá”. (D6)

“Preocupada com a outra, muito preocupada com a outra”. (D9)

“É difícil ter uma criança doente, ver os outros normal e ela doente”. (D12)

“É uma doença que a gente não sabe o que é. (...) Lá em casa tem dois.(...)”

“A gente vai pró médico, vai pro outro. Agora tô aqui com esta menina fazendo tratamento. Você sabe, a minha cabeça... não tá nada bom, não”. (D13)

“Lá em casa é assim, quando adoce um adoce tudinho. Deixei eles tudo doente”.(D17)

“Então eu acho uma coisa ruim ficar longe do meu filho pequeno. O meu caçula é muito apegado comigo”(D18)

A hospitalização da criança é vivenciada pela mãe como um momento peculiar em sua história de vida, no qual emergem sentimentos ambíguos: por

um lado, ela sente necessidade de acompanhar seu filho doente; por outro, ressentido-se de não poder dar assistência aos outros filhos que ficaram em casa.

Os depoimentos revelam que as mães estão imbuídas de uma profunda sobrecarga emocional, pois introjetam expectativas sociais, exigindo de si mesmas estar num lugar e noutro, atender igualmente filhos que estão em espaços distintos. Devido à impossibilidade de desempenhar papéis semelhantes em espaços geográficos diferentes e distantes, a mãe desenvolve uma sensação de divisão, como relata uma delas: "A gente fica assim tão dividida, principalmente, quando a gente tem outro em casa. Porque eu tô com um doente em casa e um doente aqui".

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA É VIVENCIADA PELA MÃE COM MANIFESTAÇÕES DE EVIDENTE sofrimento psíquico

"Dá um desespero... uma coisa ruim".(D4)

"Acho triste eu vê o bichinho... não tem defesa nenhuma".(D5)

"Tenho problema de nervo, aqui e acolá, eu tô desmaiando. (...) A gente se preocupa só mesmo com a criança. Não se preocupa com mais nada. A gente não tem atividade pra fazer outra coisa, sabe".(D8)

"A gente fica naquela ânsia.(...) Eu tava ficando tão preocupada que eu mesmo não queria me alimentar também".(D10)

"Não durmo de noite. É ruim demais. Fico desanimada. (...) Agora, tô aqui com esta menina, fazendo tratamento. Você sabe, a minha cabeça... não tá nada bom, não".(D13)

"Eu almocei no domingo. Isso aconteceu segunda-feira. Vim comer sexta-feira aqui porque não tinha vontade de comer".. (D14)

"(...) é porque a mãe, quando a criança tá doente, a mãe fica perturbada".(D15)

A mãe vivencia intensamente o momento da hospitalização de seu filho, priorizando objetivamente a atenção que destina a ele. Essa prioridade é acompanhada de uma entrega tal que a mãe chega a descuidar-se de suas próprias necessidades, como alimentação, repouso e sono.

A impossibilidade de manter-se por longo tempo sem cuidar de si própria e tendo que lidar com o sofrimento da criança e com as preocupações decorrentes de sua ausência do lar desencadeiam sinais evidentes de sofrimento psíquico na mãe, como tristeza, desânimo, insônia, perda de apetite, desconforto mental e depressão.

Portanto, deve haver um empenho da equipe de saúde para acompanhar as mães durante a hospitalização de seu filho, objetivando prestar apoio psicossocial e minimizar o sofrimento psíquico por ela experimentado.

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA IMPLICA EM MUDANÇAS NA DINÂMICA FAMILIAR

“Certo que eu já tem duas menina já grande... mas, criança nunca cuida que nem a gente, né.(...) Porque o pai dele trabalha, aí, as duas menina estuda à noite. Seis e meia, as menina sai pro colégio e chega dez e meia. Aí, o menino que tem 10 anos fica em casa. Tem dia que o pai dele chega dez horas”.(D1)

“Dois filho doente.(...) Meu filho não trabalha.(...) meus filho em casa.(...) Eu bordo. Meu trabalho tá lá encostado”.(D13)

“Deixar o M. na casa da mãe dele. (...) deixar eles dois lá na casa da irmã dele e vou lavar roupa pra poder ganhar um tostão pra poder trazer ele pra cá”.(D17).

“Então, eu me sinto mal tá no hospital, com ele perdendo escola, perdendo prova”.(D18)

No período da hospitalização do filho processam-se muitas mudanças na dinâmica familiar, principalmente no tocante às atividades antes desenvolvidas pela mulher. Por ocasião da hospitalização, os membros da família devem reorganizar-se para dar continuidade à atenção requerida pelos filhos que ficaram em casa.

Também existe a articulação dos parentes para apoiar neste momento singular que a família atravessa. Destaca-se que a própria rotina dos outros filhos sofre mudanças: alguns deixam de freqüentar a escola, os maiores assumem o cuidado da casa ou de outros irmãos pequenos. A família necessita reorganizar-se para atravessar este momento de crise, no qual um de seus membros está afetado física e emocionalmente. Nesta perspectiva, a família usa de estratégias que resultam em reestruturação de sua dinâmica. A mãe poderá redistribuir os papéis entre os próprios membros da família ou outros parentes.

A HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA É VIVENCIADA PELA MÃE COM ATITUDES DE CONFORMAÇÃO e de fé em um ser supremo

“(..) pedindo a Deus, a todo dia, Dele dá saúde dela pra gente viver sossegada.”(D1)

“A gente pede força a Deus e vê no que dá”.(D2)

“Tem que confiar em Deus”.(D4)

“(..) provavelmente seria pro resto da vida. (...) Tem que aceitar”. (D7)

“Mas, é isso mesmo, Deus quis assim, não tenho culpa, porque Deus botou ela assim e os outro filho sadio”.

“Fica imaginando, assim... se aquela criança exista ou se morra.(...) Eu sei que tá nas mãos de Deus”. (D15)

“Se realmente vai ficar bom, se vai ficar uma criança saudável, se vai crescer com saúde pra depois não voltar com este problema”.(D18)

A incerteza quanto à cura da criança faz a mãe visualizar a possibilidade do agravamento de sua doença e mesmo de sua morte. Para não se entregar ao desespero, ela recorre à fé em um ser supremo-Deus, confiando que terá forças para enfrentar qualquer desfecho.

Portanto, a mãe assume uma atitude de conformação. Ela vivencia a doença do filho como algo que é permitido por Deus. O sentimento de fé expresso nos discursos das mães constitui fator que minimiza o seu sofrimento psíquico.

Visualizando, finalmente, todos os discursos e as unidades de significado deles extraídas, pode-se afirmar que o fenômeno ter um filho doente é experimentado pela mãe com uma carga intensa de emoções que comporta a síntese de muitas vivências e nuances. A hospitalização do filho é vivida pela mãe como um momento, nem sempre breve, de intensa preocupação e sofrimento, agravado ou amenizado pelas condições de vida da família. As inúmeras tarefas atribuídas pela sociedade e introjetadas pela mãe fazem-na também vivenciar a hospitalização de um filho com sentimentos de divisão e ambigüidade entre este e os que ficaram em casa. A extrema dedicação e assistência para com o filho doente deixam-na temporariamente descuidada de si mesma. Na impossibilidade de negar suas próprias necessidades por um longo período, a mãe passa a conviver com evidentes sinais de sofrimento psíquico concretizados em insônia, falta de apetite, desconforto mental e depressão. A hospitalização da criança é verbalizada pela mãe como algo que estende seus efeitos sobre toda a família, gerando alterações em sua dinâmica. A fé em um ser supremo é um evidente recurso ao qual a mãe recorre para fugir do desespero e assegurar conformação e aceitação diante do desfecho da situação de saúde de seu filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos encontrar uma forma de acesso ao mundo das mães que vivenciam a hospitalização de seu filho, através do estudo atento de seus discursos. Este caminho consiste na possibilidade de compreender a estrutura que subjaz ao fenômeno em foco.

Não queremos afirmar que desvelamos completamente o fenômeno da hospitalização da criança na perspectiva vivencial da mãe. O fenômeno revela-se sob alguns aspectos e se oculta sob outros, pois o seu desvelamento é inesgotável.

A hospitalização do filho resulta em intenso sofrimento para a mãe com desdobramentos em toda a dinâmica familiar. A hospitalização é vivenciada pela

mãe com manifestações de evidente sofrimento psíquico, tais como tristeza, desânimo, anorexia, desconforto mental e depressão.

A complexidade de eventos psicológicos e relacionais experimentados pela família por ocasião da hospitalização de uma criança, evidenciados neste estudo, necessita ser conhecida pelos profissionais de saúde. De posse de tais conhecimentos, eles estarão mais capacitados para intervir sobre a criança, bem como para melhor assistir a mãe e a família.

ABSTRACT: By following some steps of phenomenological approach, we have studied the feelings, fears and anxieties experienced by a mother in the course of her child hospitalization. The child hospitalization is experienced by the mother as a moment of a intense concern and suffering, aggravated or relieved by the family's living conditions. The innumerable tasks attributed to, by society and introjected by the mother, also make her live that situation with feelings of division and ambiguity. The extreme dedication and assistance to the ill child make his/her mother temporarily careless about herself. Being impossible to deny her own needs for a long time, the mother starts living evident signs of psychic suffering concretized in insomnia, anorexia, mental discomfort and depression. The child hospitalization is verbalized by the mother as something whose effects extents to the whole family, generating alterations in its dynamics.

KEYWORDS: Hospitalized children - Mothers accompanists.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, L. T. Aspectos psicossociais da assistência à criança. São Paulo, *Nestlé*, Serviço de Informação Científica, s.d.
2. BRAGA, V. A. et al. Assistência às reações emocionais de crianças hospitalizadas: um programa de saúde mental. *Revista Desafio*. Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 33-36, abril, 1990.
3. BOWLBY, J. *Apego*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
4. BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

5. CARVALHO, A. S. *Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica*. São Paulo: Agir, 1987.
6. CHIATTONE, H. B. C. Relato de experiência de intervenção psicológica junto a crianças hospitalizadas. In: CAMOM, V. A. A. (Org.) *Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo no contexto hospitalar*. São Paulo: Traço, 1984, Série Psicoterapias Alternativas, v. 2.
7. MOUTH, R.G. et al. Repercussões psicológicas da hospitalização na criança e sua família. *Pediat. mod.*, v. 19, n. 8, p. 387-91, 1984.
8. MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.
9. NEIRA HUERTA, E del P. A experiência de acompanhar um filho hospitalizado: sentimentos, necessidades e expectativas manifestados por mães acompanhantes. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 153-171, 1985.
10. PRADO, D. *O que é Família*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
11. VALLE, E. R. M. Fragmentos do discurso da família da criança com câncer: no hospital, em casa, na escola. *Pediatria Moderna*, v. 25, n1, p. 21-5, 1990.